

Artesão mantém sua arte

Com 81 anos de idade, praticamente cego tendo os movimentos reduzidos, em virtude de derrame cerebral, Joaquim Ferreira Neves, o Quincas, mineiro de Monte Santo, vive o drama de não poder mais trabalhar suas esculturas em talo de buniti que o tornaram conhecido nos EUA, Japão e Europa. As peças que produzia são disputadas pelas grandes lojas. Sua arte, porém, não morreu. Sobrevive com o trabalho da mulher Tereza e a filha Judite Luiz. A marca de Quincas ficou.

Falando com dificuldade, Quincas responde com lágrimas cada vez em que é indagado sobre sua vida e seu trabalho. As figuras de índios, soldados e mulheres grávidas são as testemunhas de sua tristeza no barraco humilde da Quadra 5 Norte, lote 178, em Brazlândia. O último trabalho foi feito em março do ano passado, uma escultura que deu à neta Cláudia. Tereza e Judite não admitem que a arte de Quincas tenha se acabado. Enquanto estiverem vivas e trabalhando, afirmam, ela sobreviverá.

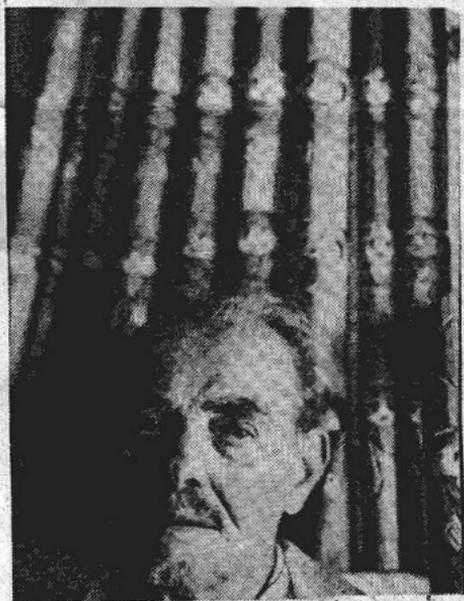
DRAMA

Quincas vive em Brasília desde 1967, quando chegou para ajudar seu genro numa chácara no Descoberto. Já trabalhou em serraria também. Sua vocação para o trabalho artístico em madeira surgiu por esta época, com Quincas fazendo as primeiras peças em talo de buniti. Além de esculpir o buniti, produzia pilões, gamelas, colheres, imagens e todo tipo de figuras

em madeira bruta. Ensinou sua arte à mulher e depois à filha.

Com o derrame cerebral, Quincas perdeu parcialmente a visão, ficando com as mãos trêmulas e sem condições de empunhar as ferramentas de trabalho. Tereza e Judite não vacilaram em assumir seu lugar, mantendo o funcionamento da oficina. Embora as duas trabalhem bem, a produção caiu em termos de quantidade de peças, mas a perfeição é a mesma.

Tereza já encontra dificuldade para executar o trabalho, por falta de material. Não encontra no cerrado talos de buniti com a mesma qualidade de antes. É obrigada a buscar mais longe, dependendo muitas vezes de encomendas do Nordeste ou regiões de Goiás distantes de Brazlândia. Nem por isso desanima.



Joaquim Ferreira Neves